

Entrada (Com)Texto

Esta é uma das quatro entradas dos leitores às crônicas de EtnoMatemaTicas anunciadas. É uma das vias de acesso às crônicas. Consiste neste hipertexto, última seção da Apresentação da Edição Especial “Crônicas de EtnoMatemaTicas Anunciadas: Transdisciplinaridade”, da revista e-Almanaque EtnoMatemaTicas Brasis (v. 2026, n. 1), que, com este acesso específico, foi destacada como **Entrada (Com)Texto**, com o objetivo de dar maior destaque às crônicas e aos seus cronistas.

Respeitando a ordem de submissão, a **Entrada (Com)Texto** apresenta nominalmente cada cronista e descreve brevemente cada crônica, aspeando alguns de seus trechos e disponibilizando seu conteúdo integral pelo *hiperlink* inserido no seu título. Ao clicar em um título, os leitores encontrarão uma página individual da referida crônica, com: dados do cronista (nome, foto e minibiografia); título, resumo e palavras-chave em três idiomas, português, inglês e espanhol; um botão, “Ler Crônica completa (PDF)”, que leva à crônica.

As crônicas trazem concepções, graças, criatividade, sentimentos, criticidades, dentre tantas subjetividades dos seus cronistas, como expressões e jeitos de se expressar, outras manifestações dos distintos *etno* da crônica ou do cronista. Em todo o processo, a Curadoria cuidou de comunicar-se com cada cronista, a partir de sugestões e diálogos e do respeito às suas individualidades. Por fim, todos os autores foram titulados Cronistas, o que justifica este título antecedendo os seus nomes.

Então, vamos às crônicas por esta **Entrada (Com)Texto**!

Na primeira crônica, [Entre saberes e resistência: a Etnomatemática que me atravessa](#), o cronista *Matheus Moreira da Silva*, de Goiânia, GO, pondera que “talvez seja isso que a Etnomatemática, em sua perspectiva transdisciplinar, nos ensine: que o conhecimento não está pronto, nem pertence a um único lugar. Ele se constrói no movimento, no diálogo, na escuta.”. Essa reflexão parece coerente com as experiências docentes das duas crônicas seguintes. Em [Os olhos de Mariazinha brilhavam nas aulas de](#)

[matemática](#), [segunda crônica](#), o cronista *Valdemar Vello*, de São Paulo, SP, influenciado por Malba Tahan, relata uma vivência docente inicial: “motivado pela ideia de criar um laboratório de matemática, invadi com os alunos a oficina de marcenaria [...] criamos o jornalzinho de matemática. [...] Tudo impresso em mimeógrafo a álcool.”. E na [terceira crônica](#), [Boi-Delírio, Pintadinho-Baralho, Escola-Rua](#), o cronista *Arthur Constantino Dutra da Silva*, de Ibirajuba, ES, declara seu receio ao utilizar “Baralho do Boi Pintadinho” em uma turma do oitavo ano, por saber que “não era só aula, era outra coisa, um limiar; uma fresta aberta no tecido grosso da realidade escolar. [...] Guardei o pincel, ridículo ele agora. [...] Nunca mais seria só aula, nunca mais seria só jogo.”.

Na [quarta crônica](#), [Lo que no se nombra, pero se habita: Crónica de una etnomatemática transdisciplinar](#), a cronista *Ana Patricia Vásquez Hernández*, de Heredia, Costa Rica, fala de seu encontro com uma comunidade rural produtora de cestas, que a faria questionar seu próprio saber, ao compreender que “*la transdisciplina no es una teoría externa, sino una vivencia que ocurre cuando los saberes dialogan, se entrelazan y se reconocen mutuamente, sin que uno pretenda nombrar o dominar al otro.*”. No mesmo sentido, em [Entre medidas e histórias](#), [quinta crônica](#), o cronista *Kevyn Dos Santos Brito*, de Araguaína, TO, ao observar um trabalhador de uma construção, percebe uma mistura de saberes, questiona e pondera: “Como alguém poderia construir algo “correto” sem usar exatamente aquilo que eu aprendi como necessário? [...] Talvez seja isso que chamam de transdisciplinaridade: quando os conhecimentos deixam de ficar separados e passam a se encontrar.”.

Com uma experiência na Educação de Jovens e Adultos, na [sexta crônica](#), [A equação que a palha me ensinou](#), o cronista *Raimundo Santos de Castro*, de São Luís, MA, revela uma mudança que vivenciou. “Não me ocorria [...] perguntar de qual mundo era a matemática que eu ensinava”, até quando “a sala mudou” e compreendeu “algo que antes eu tratava como conceito: a transdisciplinaridade [...] é o deslocamento que nos obriga a sair dos limites que nos parecem naturais. É a disposição de escutar [...]”. Essa perspectiva

é reforçada na sétima crônica, [A forma materializada de uma cultura em aspectos matemáticos: Uma Crônica como resgate de uma identidade](#), do cronista *Gerson Scherdien Altenburg*, de São Lourenço do Sul, RS, que lembra do seu tempo da Educação Básica, quando o que estudava não lhe fazia sentido algum e declara que “o encontro da minha prática docente com a Etnomatemática retumba como um grito de liberdade, que por muito tempo permaneci enclausurado diante de um sistema que aprisionou momentos da minha vida.”.

Partindo de suas própria bonecas na brincadeira de professora, a cronista *Ana Priscila Sampaio Rebouças*, de Araguaína, TO, em [Passado e presente em Etnomatemática, oitava crônica](#), conta a sua trajetória de vida docente, seu envolvimento com a Etnomatemática, sua reflexão de que é “a transdisciplinaridade capaz de fornecer arcabouço teórico e metodológico para a práxis docente”, até a criação do “Grupo de Estudos e Pesquisa Transdisciplinar em Etnomatemática para a Paz (GEPTep).”.

Na nona crônica, [Quando o número não quis ser negativo](#), o cronista *Leonardo Dourado de Azevedo Neto*, de Humaitá, AM, reflete com base em uma pergunta de um professor Parintintin, numa oficina pedagógica, que “a etnomatemática apareceu quando percebi que ensinar matemática não é traduzir conteúdos universais para diferentes contextos” e que “a transdisciplinaridade [...] entrou pela porta da sala e sentou-se entre nós [...] porque a pergunta não era apenas matemática. Era ética. Era cultural. Era pedagógica. Era cosmológica. Era política. Era uma pergunta pequena com muitos mundos dentro.”. Também sobre adentrar e permanecer, na décima crônica, [O Educador, a Cronista e a Matemática: um triângulo construído na EJA](#), a cronista *Raíza Gonçalves Santos*, de Vitória da Conquista, BA, relata um “cenário que a docência precisou se reinventar”, ao tentar “desenvolver atividades mediadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)” em uma escola sem os mínimos recursos necessários, quando “a transdisciplinaridade não foi recurso ocasional, mas forma de presença.”.

Na 11ª crônica, [Trinta anos de chão de escola e a redescoberta de D'Ambrosio](#), o cronista *Emerson Bastos Lomasso*, de Belo Horizonte, MG, revela que foi em um diálogo “sobre práticas matemáticas nas comunidades tradicionais” que percebeu “que a Etnomatemática não era apenas um método, era a ponte que unia o saber acadêmico ao saber humano.”. Nessa perspectiva, a cronista *Renata Aparecida da Silva*, de Juara, MT, na 12ª crônica, [O carrinho que atravessava salas e mundos](#), relata uma experiência pedagógica em um 3º ano do Ensino Fundamental, com o tema “cesta básica”, na qual um carrinho de supermercado “já carregava uma ideia, daquelas que nascem a partir do cotidiano e que ainda ganharia forma no caminho [...] algo maior. Algo que atravessa a escola, a vida e os saberes, sem pedir licença ou definição.”.

A 13ª crônica, [Leituras de Verão](#), o cronista *Gustavo Alexandre de Miranda*, de Santo André, SP, conta que foi provocado por Ubiratan D'Ambrosio a “ver o que estava acontecendo para além de nossa gaiola acadêmica”, pois “o transdisciplinar não era sobre erudição, sobre livros ou definições. Era sobre algo mais, algo que não cabe em regras.”. Essas reflexões parecem convergir com o que nos apresenta [A geometria da poltrona 50](#), 14ª crônica, cuja cronista *Rafaela de Sousa Melo*, de Tomé-Açu, PA, narra uma história vivida e refletida em torno do trajeto de uma viagem de ônibus que iniciou na aurora, “um intervalo onde duas realidades convivem ao mesmo tempo. Nem noite, nem dia. Nem passado, nem presente completamente. Apenas transição. [...] o tempo consegue seguir em frente e, ao mesmo tempo, deixar tantas coisas paradas dentro da memória.”.

Em [Quando a Matemática goteja do telhado: Etnomatemática e aprendizagem significativa na Educação Básica](#), 15ª crônica, a cronista *Dayene Ferreira dos Santos*, de Águas de Lindóia, SP, narra história pessoal que cruza “uma aula de 9º ano sobre triângulo retângulo e as relações trigonométricas” e a revisão real de “cálculos da inclinação do telhado de uma construção”, situação invadida por mensagem do seu pai que “queria confirmar se o raciocínio fazia sentido. [...] uma consequência inevitável da profissão, pois [...] ensinar trigonometria talvez seja apenas o primeiro passo. [...] se você calcula

tangentes, então certamente também sabe por que o telhado da área de serviço está pingando.”.

Sobre uma festa nordestina na região Sul, contemplada 16ª crônica, [Matemática TransJunina no Sul](#), a cronista baiana *Cláudia Teles Santana*, residente em Blumenau, SC, relembra: “ ver meus alunos de Blumenau dançando ‘daquele jeito’ e dançar junto com eles [...] provou que a transdisciplinaridade rende bons frutos [...] eles praticaram muita Matemática. [...] o melhor Arraiá do mundo a gente faz em qualquer lugar.”. Há uma coerência com a 17ª crônica, [Entre o Silêncio dos Números e a Voz da Cultura: a emergência da Etnomatemática como consciência pedagógica](#), do cronista *Ezequias Adolfo Domingas Cassela*, de Bié, Angola, que responde ao questionamento sobre como a perspectiva transdisciplinar da Etnomatemática lhe foi anunciada, dizendo que “foi no confronto entre a Matemática formal e a vida concreta dos alunos que comecei a perceber que ensinar Matemática também pode ser um ato de valorização cultural, de emancipação intelectual e de transformação social.”.

O cronista *Elivaldo Serrão Custódio*, de Santana, AP, em [Entre marés, ancestralidades e Etnomatemática: narrativas de um professor ribeirinho marajoara](#), 18ª crônica, inicia afirmando que “o rio nunca me ensinou Matemática do jeito que me apresentaram na escola” e relata sua história ribeirinha, concluindo que, pela Etnomatemática, “ensinar Matemática também é ensinar pertencimento, memória e humanidade. Porque os números da Amazônia não vivem sozinhos.”. Também da Região Norte do país, [A Casa do Saber Purubora: A Etnomatemática na Arquitetura Transdisciplinar da Vida](#), 19ª crônica, do cronista *Luiz Antonio dos Santos Magalhães*, de Seringueiras, RO, fala do seu “encontro genuíno com uma Etnomatemática visceralmente transdisciplinar”, pois, “para o povo Purubora, construir a Casa de Palha é um ato onde é impossível separar um conhecimento do outro.”

Na 20ª crônica, [Etnomatemáticos são como caranguejos...](#), o cronista *Pedro Paulo Scandiuzzi* fala de sua aproximação com a transdisciplinaridade, sua opção “pela semiótica”

e por “seguir D’Ambrosio”, pois, para ele, campos semiológicos “ampliam os horizontes do espaço escolar, é bem mais difícil de trabalhar. [...] temos de avançar. Deixar de fazer como os caranguejos [...]”.

A cronista *Roxana Auccahuallpa Fernandez*, de Cuenca, Ecuador, traz, na 21ª crônica, [La transdisciplinariedad en la chakra andina](#), um espaço físico que “*tiene en su haber un bagaje cultural, ancestral, etnomatemático apropiado para sistematizar los conocimientos de los estudiantes a través de actividades que se realizan dentro de ella.*”. Outros espaços devem ser considerados, como podemos ver na 22ª crônica. Em [Depois que aprendi a ver a cor da gaiola](#), o cronista *Marcilio Leão*, de São José do Rio Pardo, SP, traz lembranças de Ubiratan D’Ambrosio e afirma compreender “que sair da gaiola epistemológica nunca significou abandonar a matemática. Significou, na verdade, devolvê-la à vida”, ponderando que a paz inicia ao reconhecermos o outro “como parte de nós mesmos.”.

Camila Santos da Silva, de São Paulo, SP, inicia explicando que [Raízes que sustentam, Asas que transformam](#), 23ª crônica, surgiu de uma conversa com sua filha, para apresentar uma história que traz a “Etnomatemática como uma mãe solo que enxerga a matemática presente na vida, nas culturas e nas experiências do cotidiano” [...] era raiz que se firmava no chão, Transdisciplinaridade [a filha] era asa que se lançava no ar.”. Em outra história, também de São Paulo, SP, na 24ª crônica, [Tramas de si, grafias do outro](#), a cronista *Elaine Regina Chagas Santos* traz Alika que “projetava suas afro-oficinas como espaços de insurgência epistemológica”, um projeto de doutorado de “formação de professores, utilizando tecidos africanos [para combater] o racismo epistêmico.”.

Já em [Quando a obra ensina: entre paredes e saberes](#), 25ª crônica, o cronista *Anderson Gusmão Andrade Dias*, de Vitória da Conquista, BA, conta que foi com um pedreiro que começou “a compreender a força da transdisciplinaridade presente na vida cotidiana, pois aquelas conversas [...] passavam a envolver matemática, educação ambiental, trabalho, consumo, experiência e modos de viver no mundo.”. Também da Bahia, na 26ª crônica, [Entre sementes, currículos e travessias: quando a Etnomatemática](#)

[germinou no currículo baiano](#), a cronista *Geciara da Silva Carvalho*, de Salvador, relembra o momento em que “a Etnomatemática começou, silenciosamente, a atravessar a produção das Orientações Curriculares para o Ensino Médio da Bahia [...] a transdisciplinaridade começava a aparecer [...] como necessidade concreta da prática pedagógica”.

Em [Viagem ao Teko-Haw](#), 27ª crônica, o cronista *Oswaldo dos Santos Barros*, de Belém, PA, relata que “foi a partir do Eclipse anular do Sol [...] que nasceu a ideia de criar um planetário no Pará [...] com o registro das constelações dos índios Tembé-Tenetehara, da aldeia Teko-Haw [...] outros caminhos se abriram à investigação a partir da Etnomatemática e gerando ações transdisciplinares.”. E na 28ª crônica, [Rizo-máticas](#), a cronista *Dayla Costa Guedes*, de Paço do Lumiar, MA, convida: “Veja saberes ancestrais, científicos, populares e vários outros em um só lugar. Amplie o campo de visão. Contemple a coexistência, as conexões invisíveis que sustentam a floresta e o mundo.”.

Na 29ª crônica, [Uma entrevista Etnomatemática Transdisciplinar](#), o cronista *Martin Nicolás Rodriguez Zamit*, um uruguaio residente em Ibirité, MG, relata que teve “a possibilidade de ouvir a moradora, [...] compreender [...] de D’Ambrosio a possibilidade de poder enxergar aspectos que até então estavam na teoria, [...] como são as dimensões do programa etnomatemática, e suas implicações e derivações de estudos sobre os artefatos culturais.”. E a 30ª crônica, [Quando a aula decidiu sair da sala](#), do cronista *Roger Miarka*, de Rio Claro, SP, narra um “experimentar com a Etnomatemática outros modos de compreender e de produzir conhecimento juntos. [...] Não somente por questionar os campos de conhecimento constituídos, mas por atravessar suas fronteiras. [...] A transdisciplinaridade [...] transespacialidade.”.

Em [Entre a sala de aula e a vida](#), 31ª crônica, o cronista *Samuel Macedo de Araujo*, de Araguaína, TO, fala que seu primeiro contato com Etnomatemática foi em “uma aula de História da Educação”, quando percebeu que muitos “saberes, muitas vezes invisibilizados, carregam uma lógica própria, construída na prática, na necessidade e na experiência. [...] A

etnomatemática é transdisciplinar [...] dialoga com diferentes áreas do conhecimento.”. Já na 32ª crônica, [Histórias, tradições e pensar matemática](#), o cronista *Ilan Carlos Santos de Carvalho*, de Jequié, BA, narra sua ida à cidade, onde moram seus pais, e seu encontro com Seu Miguel, “o velho cordelista da cidade”, que lhe explica e cordeliza: “De conta eu nunca fui muito bom, mas gosto de matemática desde sempre, dos desafios, de pensar nela atravessando a gente, mesmo quando não tem número envolvido...”.

Na 33ª crônica, [Diálogos transdisciplinares na Agroecologia](#), a cronista *Jocilene Rodrigues Farias*, de Belém, PA, relata uma experiência em um curso de Agroecologia, cujas temáticas trataram das “relações dos saberes tradicionais e os conceitos escolares, a partir dos princípios da Etnomatemática, numa perspectiva transdisciplinar.”. E na 34ª crônica, [O dia em que a matemática saiu do quadro](#), a cronista *Aldivania Alves Salvador Wernz*, de Águia Branca, ES, traz memórias desde sua infância até quando compreendeu que “que havia ciência na experiência do povo. [...] Foi como se alguém acendesse uma luz numa estrada que eu já percorria há anos sem perceber. A transdisciplinaridade me encontrou [...] nesse lugar onde as fronteiras começam a desaparecer.”. Já em [Etnomatemática, não é apenas sobre matemática](#), 35ª crônica, o cronista *André Oliveira Ribeiro*, de Araguaína, TO, relata um pouco sua experiência inicial na Licenciatura em Matemática, declarando que como “Professor de Matemática, [...] devo cooperar para que as pessoas se encontrem com algo, compreendam algum propósito para si mesmas e busquem se tornar melhores.”.

Na 36ª crônica, [Eleonora: A bruxa que não sabia contar](#), a cronista *Camila Hardt*, de Rio Claro, SP, apresenta um conto infantil, poético e ilustrado: “Eleonora era bruxa e não sabia contar, por isso não sabia há quanto tempo estava por lá. [...] Eleonora era mesmo o que a gente mesmo inventava. Uma bruxa que só existia quando a gente acreditava...”. Também com poesia, a 37ª crônica, [A Etnomatemática que transborda da tela: uma vivência com Vídeos Digitais](#), da cronista *Edjane dos Santos Gomes*, de Irará, BA, traz uma experiência de um curso de edição de vídeo sobre “feira livre do interior da Bahia”, ponderando: “Falar da feira era, de algum modo, falar de mim também. [...] Não era

apenas uma produção de vídeo: era uma mostra de resistência, ancestralidade e memória.”.

Na 38ª crônica, [Entre Redes, Números e Saberes: uma crônica transdisciplinar na piscicultura amazônica](#), a cronista *Vanilda de Magalhães Martins Vasconcelos*, de Belém, PA, fala de um curso – “uma expectativa que não cabia nos cadernos: aprender matemática com o mundo vivo” – com uma abordagem na etnomatemática, “um convite. Um chamado para olhar o mundo com mais escuta, mais sensibilidade e mais respeito às múltiplas formas de saber.”. Também de Belém, na 39ª crônica, [Memórias de infância: tessituras de uma aprendizagem amazônica](#), a cronista *Rute Baia da Silva Ubagai*, inicia declarando que escreve “com o corpo marcado pelas águas amazônicas e pela memória de um início que não foi silêncio, mas de luta” e finaliza dizendo “que aprender é, antes de tudo, um ato de reconhecimento. A Etnomatemática [...] não é sobre "outra" matemática, mas sobre a dignidade do olhar humano sobre a realidade.”.

Na 40ª crônica, [A lente que me devolveu o mundo: um anúncio transdisciplinar da Etnomatemática](#), a cronista *Renata Martins Pereira*, de Parintins, AM, relata uma atividade prática com Etnomatemática, vivenciada na Licenciatura: “Foi um lampejo. Como quando a gente coloca uma lente pela primeira vez [...] a Etnomatemática me apareceu de verdade, [...] como um jeito novo de olhar [...] me devolveu o mundo, o mesmo mundo, agora mais nítido, como quando a gente aprende a enxergar de novo.”. Também da Região Norte, em [O punhado que media o mundo: o saber ribeirinho da minha avó](#), 41ª crônica, a cronista *Roselma da Silva Feitosa Milani*, de Canaã dos Carajás, PA, reúne memórias da sua avó, cujo “almanaque era a lua cheia ou minguante pendurada sobre o Rio Xingu”, e lamenta o erro da escola de “apresentar a matemática [...] desvinculada de qualquer corpo ou território. [...] A etnomatemática [...] existe para recuperar uma parte disso. Mas a maior parte já foi com o rio.”. Ainda na Região Norte, a 42ª crônica, [Causos de uma escola territorializada na luta pela terra](#), do cronista *Wanderson Rocha Lopes*, de Jarú, RO, traz narrativas sobre uma escola, contexto de sua investigação de doutorado, e uma provocação

aos pesquisadores em Etnomatemática: “O que pode ela? [...] seja programa de pesquisa ou saber em movimento, em compromisso com estes espaços e territórios, que nos implicamos nos caminhos da investigação?”.

Na 43ª crônica, [Azar, cultura y aprendizaje: una mirada etnomatemática a la lotería mexicana](#), a cronista *María Teresa Martínez Acosta*, de Jiménez, Chihuahua, México, relata uma experiência pedagógica de que “*la lotería mexicana posee una fuerte presencia cultural en México. [...] Desde una perspectiva etnomatemática, [...] la actividad evidenció una relación transdisciplinaria entre matemáticas, cultura, historia, convivencia social y educación.*”. Também em língua espanhola, na 44ª crônica, [Los Isósceles y las perpendiculares. Narrativa de mi padre, el café y yo](#), a cronista *Daniela Patiño-Cuervo*, de Páramo, Santander, Colombia, residente em Rio Claro, SP, diz: “*Aún aconseja no veo con claridad cómo la etnomatemática atraviesa las actividades de clase, cómo vincularla con la educación matemática [...] mi padre estaba viviendo su problema, no hallando alturas o demostrando congruencias, sólo o mejor especialmente viviéndolas.*”.

Na 45ª crônica, [A cigana, as cartas e os números do mundo](#), o cronista *Jonson Ney Dias da Silva*, de Vitória da Conquista, BA, narra um jogo de cartas com uma cigana, concluindo que “a transdisciplinaridade não acontecia apenas pela junção de conteúdos diferentes, mas pela compreensão de que os problemas do mundo são complexos demais para caberem em uma única área do conhecimento.”. Já na 46ª crônica, [Entre Trocos e Saberes: Uma experiência transdisciplinar na feira livre](#), o cronista *Vinicius Gabriel Silva Barros*, de Jucurutu, RN, explica que “a perspectiva da etnomatemática foi anunciada na universidade” e reconhece a importância “para entender o conceito”, mas “algumas aprendizagens ultrapassam as paredes de uma sala de aula” e questiona: “Quantas formas de pensar são silenciadas porque aprendemos a reconhecer apenas uma matemática como legítima?”

Na 47ª crônica, [A Etnomatemática presente no processo de feitura e utilização do Monde para o povo Guarani Nandeva](#), o cronista *Sidnei Vera*, de Paranhos, MS, narra

memórias com seu pai na confecção do Monde e seu entendimento: “não estávamos apenas construindo uma armadilha. Estávamos fortalecendo nossa identidade, revivendo os ensinamentos dos ancestrais e reafirmando que a cultura Guarani Ñandeva continua resistindo, mesmo diante das dificuldades”; concluindo que “a etnomatemática contribui para uma educação intercultural, *bilíngue* e cosmológica, na qual os mais novos reconhecem que os conhecimentos de seus povos possuem grande valor científico, cultural e histórico [...]”.

Em [Cuando una ecuación se volvió presión, calor y datos: una crónica transdisciplinar desde el aula de ingeniería](#), a 48ª crônica, a cronista *Bertha Ivonne Sánchez Luján*, de Jiménez, de Chihuahua, México, explica que chegou à “aula con una ecuación diferencial y salí con la sospecha de que las matemáticas son, en el fondo, una forma de escuchar al mundo” e que, “al salir del aula, pensé que la transdisciplinariedad no siempre llega anunciada en grandes conferencias. A veces llega en forma de pregunta, casi de pasada, frente a un pizarrón lleno de símbolos. [...] casi sin que nos diéramos cuenta- la dimensión transdisciplinar de la etnomatemática.”.

Na 49ª crônica, [O Mancala na sala de aula: entre ancestralidade, cultura e Matemática](#), a cronista *Daiane Oliveira da Silva*, de Alto Alegre do Maranhão, MA, informa que, em uma turma do último ano do Ensino Médio, “o tabuleiro chegou antes da aula começar” e que, depois, foram os estudantes que construíram e “a sala transformou-se em uma verdadeira exposição de criatividade”, e reflete que talvez “a transdisciplinaridade anuncie: a possibilidade de reconstruir pontes entre saberes que a escola, durante muito tempo, insistiu em separar.”. Voltando-se para o cultura indígena, em [Etnofísica e Etnomatemática: Saberes tradicionais em uma perspectiva transdisciplinar](#), 50ª crônica, a cronista *Raimundinha Nunes Gomes Vilanova*, de Araguaína, TO, traz parte de sua “trajetória acadêmica e pessoal” com o Tipiti, na qual a “perspectiva transdisciplinar da Etnomatemática e da Etnofísica mostraram [...] um artefato de grande valor científico e

cultural. [...] Os saberes populares deixaram de ser meros acervos tradicionais para contar nas aulas e exerceram o papel de protagonistas do conhecimento.”.

Na 51ª crônica, [Etnomatemática e a pele humana da matemática](#), o cronista *Isna Gabriel Sia*, de Bissau, Guiné Bissau, e estudante de Rio Claro, SP, diz que seu “encontro com a Etnomatemática [...] foi como atravessar uma ponte invisível entre números e vidas, entre fórmulas e existências”, que “a Etnomatemática também é rizomática [...] cria conexões entre cultura, memória, linguagem e experiência” e que “foi por meio da transdisciplinaridade que compreendi [...]: nenhum saber existe sozinho.”. E na 52ª crônica, [A Etnomatemática na Academia de Ciências do Sertão](#), o cronista *Renato Lira Brito*, de Recife, PE, narra, com arte, a história da fundação da “Academia de Ciências do Sertão [...] reconhecimento de representantes das Ciências e da Cultura, visa democratizar a excelência acadêmica [...] congregando com a Etnomatemática no vislumbre da multiplicidade de saberes.”.

A 53ª crônica, última desta edição, vem da Itália. [Transdisciplinaridade: anima da Etnomatemática](#), do cronista *Giovanni Giuseppe Nicosia*, de Bologna, inicia afirmando, com base em D'Ambrosio, que “a transdisciplinaridade é uma das almas da Etnomatemática” e apresenta algumas ações pedagógicas, a exemplo da que relaciona matemática e música, cujo elemento que as conecta “é fundamentalmente uma transformação semiótica que torna a matemática uma prática a ser vivida e realizada.”.

(Com)Texto para agradecer os amantes da leitura e das viagens por contextos os mais variados, a **Entrada (Com)Texto** está sempre aberta aos que se permitirem experimentar o efeito em leque da diversidade de possibilidades transdisciplinares, investigativas e pedagógicas, do Programa Etnomatemática.